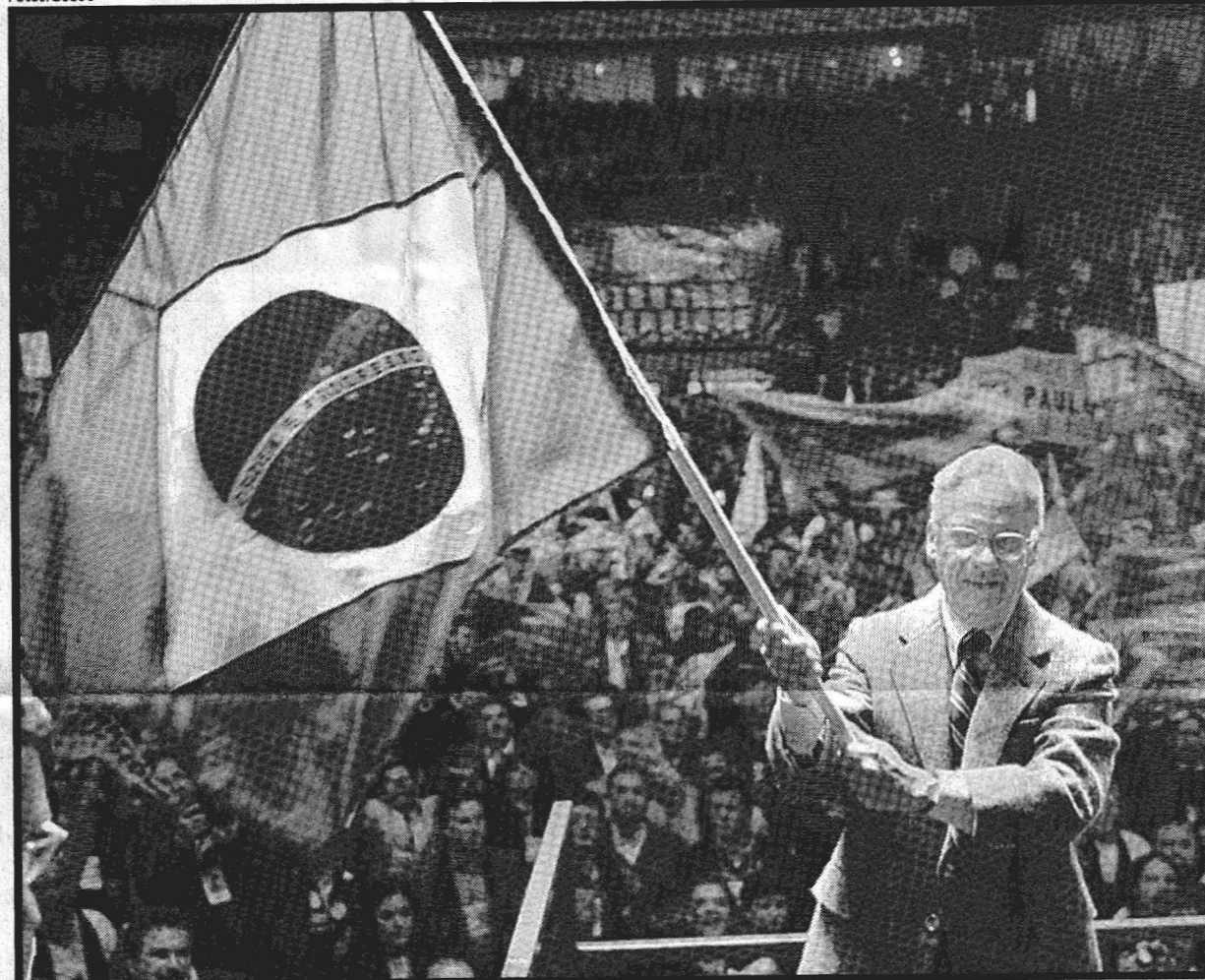


A FALTA QUE O CHARME DO PODER FAZ

Fotos: Cedoc



ADMIRAÇÃO

Roberto Campos acha que o presidente Fernando Henrique fez uma revolução cultural no Brasil porque a estabilidade passou a ser reconhecida como valor fundamental

Correio — Como é estar fora do poder? Os srs eram homens inalcançáveis, cercados de todo um aparato burocrático. Como é que é ficar ali, como deputado, sentado naquela banquinha?

Campos — É bom para gente acumular material para a biografia.

Delfim — Também é um banho de humildade. Mas não tinha esse negócio que você está dizendo, não. Eu jantava todas as noites no Bistrô, no Rio de Janeiro. Nem nos momentos mais críticos eu deixei de jantar no Bistrô. Era público. Eu tinha uma mesa no Bistrô. Como em todo lugar que eu vou, como eu repito muito, eu tinha uma mesa, sentava no mesmo lugar. Se quisessem podia gravar à vontade. Tinha um quadro em cima. A gente brincava até: "Ô Medeiros" (referência ao general Octávio Medeiros, chefe do Serviço Nacional de Informações).

Correio — Nunca lhe grampearam o telefone?

Delfim — E se grampeassem, nós comunicávamos.

Correio — A que horas os senhores liam?

Delfim — Eu não lia. Só escrevia.

Correio — O que os senhores lêem hoje fora Economia? Ou não lêem nada?

Delfim — Eu leio muito pouca coisa fora de Economia. Não tenho mais tempo. Sou muito seletivo, não tenho tempo para ler.

Campos — Eu leio ciência política, biografias. Gosto muito de bio-

grafias e leio muito revistas técnicas. Mas fui salvo porque voltei para a carreira diplomática.

Correio — Onde o senhor serviu?

Estive em posições bastante interessantes. Em Londres, assisti à sucessão de dois governos trabalhistas e mrs. (Margareth) Thatcher foi uma revolução cultural. Servi em Washington também, aí já bem antes, num período muito excitante, (John) Kennedy de lá e (João) Goulart daqui. O grande receio americano era a cubanização do Brasil, de modo que da mesma maneira que (Henry) Truman teve o resto da vida amargurada pela suposta perda da China. E ambos democratas.

Correio — Os senhores dizem — e não de agora — que a política econômica colocou o Brasil numa armadilha e a gente não pode crescer. Tem essa idéia do Ministério da Produção, o que os senhores acham, resolveria alguma coisa?

Campos — Acho que não. Isso é o que eu chamo de solução de organograma. A solução tem que ser de humanograma. O humanogra-

ma é que está inadequado. Não há coordenação entre os diferentes níveis. Não é uma questão de criar um ministério e designá-lo para um tipo de ação. Todos os ministérios têm que estar a princípio interessados na produção.

Delfim — Eu acho mais. rua. (RISOS)

Correio — Em quem o senhor votou, ministro (para Delfim)?

Delfim — O voto é secreto. (pensa um pouco e revela). Votei no Fernando (Henrique Cardoso) em legítima defesa.

Correio — Como os senhores se conheceram?

Delfim — Eu conheci o Campos no Consplan (Conselho de Planejamento). Ele era ministro do Planejamento do Castello e me convidou para fazer parte.

Correio — Por que que o senhor convidou o Delfim?

Campos — Bom, era um economista conhecido em São Paulo... Mas, depois quando surgiu o cassa-

ção do Adhemar de Barros, Castello Branco me mandou ir a São Paulo para verificar a situação. Costa e Silva dizia que haveria um revolta militar caso o Adhemar fosse cassado. Eu fui lá e verifiquei que não. Ele era um político clientelista, não um político ideológico. Políticos ideológicos provocam mortes e conflitos. Políticos clientelistas simplesmente mudam de coronel. Eu avisei, então, que não havia nada disso. Aí ele (Castello) disse: "Bom, eu vou pedir ao governador (o vice, Laudo Natel) que assuma a governança com a cassação do Adhemar de Barros. Agora, eu precisava reservar para o governo federal duas designações: uma de chefe de polícia e outra de secretário de Fazenda. Quem o senhor sugere? Para chefe de polícia não precisa", ele disse para mim. "Eu já escolhi o Figueiredo (João Batista, que mais tarde seria chefe do Serviço Nacional de Informações-SNI e presidente da República)". "Que sugestão tem para secretário de Fazenda?". Aí eu disse: "... A figura que eu vejo é o Delfim."

Delfim - Naqueles seis meses ...

Campos - Ele me sacaneou. Porque eu contei com ele para a Refor-

ma Tributária, eu queria o ICM em 12%, mas ele defendia os interesses do estado e fez elevar para 17%,

Delfim - Não, Campos! Vocês queriam nove, eu queria 12. Modéstia à parte, eu mostrei para o dr. Bulhões que o cálculo estava errado.

Campos — Nós achávamos que 12 era exatamente ...

Delfim — Não. Ficou 12.

Campos — Não. Você levou para 15. Era exatamente a alíquota que corresponderia, sem perda de receita, ao imposto em cascata. Ao Imposto sobre Vendas e Consignações (IVC).

Correio — Os senhores acham o governo Fernando Henrique fraco?

Delfim — De jeito nenhum. Tenho pelo Fernando grande admiração. Sempre foi uma pessoa dedicada, competente, tem um bom conhecimento de Brasil, é sedutor, tem uma retórica..

Campos — Fez uma migração da esquerda para o centro liberal ...- Ele fez uma revolução cultural no Brasil. Primeiro, a estabilidade de preços passou a ser reconhecida como um valor fundamental. Anteriormente era a teoria do "contanto que". Vamos combater a inflação contanto que, contanto que isso melhore o crescimento, contanto que isso, contanto que aquilo. Segundo, ele descobriu o verdadeiro inimigo, porque a nossa tradição era escapista: "a culpa da inflação são os preços do petróleo, a culpa da inflação é o capitalismo internacional, a culpa da inflação são os oligopólios, a ganância do empresário." Ele descobriu: a culpa da inflação é o déficit global do setor público. Terceiro, o verdadeiro inimigo não é a dívida externa, que é negociável a trinta anos, é a dívida interna, que tem que ser rolada a prazos curtos e juros altos. Quarto, o governo não é mais o motor do crescimento. O motor do crescimento é a iniciativa privada. Então, o estado tem que ter suas funções redesenhadas. Bom, isso tudo é um grande progresso.

Delfim — Se você compara o Fernando Henrique da Constituição de 88 com o Fernando Henrique de 98, a diferença é brutal.

Campos — Ele defendia a política de informática. Você já imaginou? Que coisa mais imbecil que é a política de informática.